

Uma análise do Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) para Uberlândia- MG entre os anos de 2020 e 2023

Hellen Carolina Barbosa Vilela - 11811ADM044

Orientadora: Prof. Dra. Michelle Carrijo

RESUMO

O presente trabalho analisa a trajetória do município de Uberlândia (MG) no Índice de Cidades Empreendedoras (ICE), no período de 2020 a 2023, com o objetivo de compreender as variações de desempenho da cidade e sua relação com os acontecimentos socioeconômicos locais do período, bem como com o contexto de desenvolvimento produtivo e estrutural do município. Caracteriza-se como um estudo descritivo com abordagem qualitativa, baseado em dados secundários provenientes de relatórios do ICE, além de notícias e documentos institucionais. A análise concentra-se nos determinantes do índice, como ambiente regulatório, infraestrutura, mercado, capital humano, acesso a capital, cultura empreendedora e inovação. Os resultados indicam que o desempenho de Uberlândia apresenta oscilações ao longo do período, influenciadas por fatores estruturais e conjunturais. Embora a cidade apresente avanços em alguns aspectos, ainda enfrenta desafios relacionados à articulação do ecossistema empreendedor e ao fortalecimento de políticas públicas voltadas à inovação. Conclui-se que o aprimoramento desses fatores é essencial para o desenvolvimento econômico local.

Palavras-chave

Empreendedorismo. Ecossistemas empreendedores. Índice de Cidades Empreendedoras (ICE). Uberlândia.

ABSTRACT

This study analyzes the trajectory of the municipality of Uberlândia in the Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) from 2020 to 2023, aiming to understand the variations in the city's performance and their relationship with local socioeconomic events during the period, as well as with the municipality's productive and structural development context. The research is characterized as a descriptive and exploratory study with a qualitative approach, based on secondary data obtained from ICE reports, as well as news articles and institutional documents. The analysis focuses on the determinants of the index, such as the regulatory environment, infrastructure, market, human capital, access to capital, entrepreneurial culture, and innovation. The results indicate that Uberlândia's performance fluctuated throughout the period, influenced by structural and contextual factors. Although the city has shown¹ progress in some aspects, it still faces challenges related to the articulation of the entrepreneurial ecosystem and the strengthening of public policies aimed at innovation. It is concluded that improving these factors is essential for local economic development.

Keywords:

Entrepreneurship. Entrepreneurial ecosystems. Índice de Cidades Empreendedoras (ICE). Uberlândia.

¹ Declaro que durante o desenvolvimento deste trabalho utilizei as seguintes ferramentas de Inteligência Artificial (IA): Gemini e ChatGPT, para revisão de linguagem: melhoria da gramática, ortografia, clareza e estilo do texto.

1. INTRODUÇÃO

A inovação tem assumido de forma crescente uma importância na dinâmica da sociedade contemporânea, em especial, pós década de 90 com a globalização e a difusão das tecnologias da informação e comunicação (TICs) (Twiss, 1992). Desde a década de 1940, sob a perspectiva schumpeteriana, a inovação já era vista para além da esfera empresarial ao atuar como o motor do desenvolvimento econômico, no qual o empreendedor figura como o agente disruptivo central, capaz de mobilizar recursos e promover a destruição criativa necessária à evolução dos mercados (Schumpeter, 1988).

Expandindo esses desdobramentos do conceito de inovação, enfatiza-se também a inovação aberta que, sob a ótica de Bueno e Balestrin (2012), pode se configurar de várias formas colaborativas e receber diferentes designações. Essa abordagem varia conforme sua natureza, como as parcerias entre empresas e seus clientes, podendo ser chamada de inovação democrática ou cocriação de valor, consumidores criativos e colaboração em massa, entre outros.

Nesse cenário, a convergência entre a relevância estratégica da inovação e o protagonismo do empreendedor passou a exigir modelos de análise que abarcassem uma realidade socioeconômica mais complexa. Diante da necessidade de compreender como os diversos atores e fatores interagem para sustentar essa dinâmica, observa-se o surgimento do conceito de Ecossistemas Empreendedores (EE), em meados de 2006, introduzido por Boyd Cohen, um dos pioneiros dessa abordagem, a qual desloca a análise do indivíduo para o território, trazendo uma perspectiva sistêmica (Cohen, 2006).

Sob esse novo olhar, o sucesso da inovação não depende apenas do empreendedor, como apontava a teoria schumpeteriana, mas da densidade e da qualidade das interações presentes no Ecossistema Empreendedor. Sugere-se que o território atua como um organismo vivo, onde a infraestrutura, o capital humano e o ambiente institucional formam o 'habitat' necessário para que o talento individual encontre os recursos necessários para florescer (Cohen, 2006).

Trata-se de um conceito relativamente recente na literatura acadêmica, que busca descrever estruturas dotadas de atributos capazes de impulsionar atividades produtivas, formados por *leaders* (ou líderes: os empreendedores) e *feeders* (ou fomentadores: todos os outros agentes, como governo) (Sebrae, 2024), sendo um ótimo ponto de partida para o desenvolvimento de relatórios, como o Índice de Cidades Empreendedoras (ICE), desenvolvido desde 2014, e que tem por objetivo analisar o ambiente de negócios das cidades

mais populosas do Brasil, para mostrar quais delas possuem as condições mais propícias para o desenvolvimento do ecossistema empreendedor e por quê (Endeavor; Enap 2020).

O ICE foi concebido inicialmente pela Endeavor Brasil, organização global sem fins lucrativos que atua desde 2000 com a missão de acelerar o crescimento de empreendedores de alto impacto. A instituição promove a construção de um ambiente de negócios favorável ao desenvolvimento de *scale-ups*: empresas de alto crescimento, com modelo escalável e inovador. A partir de 2020, a iniciativa passou a contar também com a parceria da Escola Nacional de Administração Pública (ENAP), órgão responsável pela formação e pelo desenvolvimento contínuo de servidores públicos. Além disso, a ENAP estimula a produção e a disseminação de conhecimentos em administração pública, gestão governamental e políticas públicas, bem como o desenvolvimento de tecnologias de gestão voltadas ao aumento da eficiência e da qualidade dos serviços prestados pelo Estado (Endeavor; Enap, 2020).

O relatório se propõe a analisar as condições oferecidas pelas maiores cidades do país para o desenvolvimento de novos negócios, sendo estruturado em sete determinantes: ambiente regulatório, infraestrutura, mercado, acesso a capital, inovação, capital humano e cultura empreendedora (Endeavor, 2014). Desde a sua primeira edição, em 2014, o relatório foi publicado anualmente até 2017, quando houve um hiato nas publicações, sem justificativa explícita para a ausência das edições de 2018 (ano-base 2017) e 2019 (ano-base 2018).

A publicação foi retomada em 2020, com dados coletados antes da pandemia de COVID-19, ainda assim, as informações foram consideradas relevantes, pois permitiam compreender as condições estruturais das cidades e orientar debates e formulação de políticas públicas voltadas à melhoria do ambiente de negócios, especialmente diante dos desafios impostos pela crise e da necessidade de retomada econômica no período pós-pandemia. Tiveram as edições de 2022 e 2023 e até o presente momento, não foram publicados novos relatórios (Endeavor; Enap 2020).

Este artigo tem como objetivo geral comparar o desempenho de Uberlândia (MG) no ICE, nas edições de 2020, 2022 e 2023, relacionando as variações de notas e posições aos acontecimentos socioeconômicos locais, bem como ao contexto de desenvolvimento produtivo e estrutural do município, buscando entender se a cidade evoluiu ao longo dos anos em relação ao fomento ao empreendedorismo e inovação.

A opção pelo recorte temporal específico justifica-se pelas profundas mudanças estruturais e metodológicas sofridas pelo relatório a partir de 2020, quando a parceria com a ENAP promoveu alterações nos tópicos avaliados e na base de dados, passando a considerar exclusivamente informações públicas. Essa reestruturação, que ampliou o universo de análise

das 32 cidades originais - que englobavam capitais, polos de 40% das *scale-ups* e cerca de 40% do PIB nacional - para as 100 (posteriormente 101) cidades mais populosas do Brasil, compromete a comparabilidade direta com as edições anteriores, tornando necessário o referido recorte para assegurar a consistência analítica deste estudo.

Até o momento, abril de 2026, não há previsão de publicação de novas edições do relatório, o que impede a consideração de um intervalo temporal mais amplo e a construção de uma linha do tempo mais estruturada dos acontecimentos na cidade.

Além desta introdução, o artigo está organizado da seguinte forma: a próxima seção apresenta o referencial teórico; na sequência, descrevem-se os procedimentos metodológicos adotados; posteriormente, são apresentados e discutidos os resultados; e, por fim, são expostas as considerações finais.

2. REFERENCIAL TEÓRICO

2.1 Ecossistemas Empreendedores e a Inovação como Motor de Crescimento

O conceito contemporâneo de Ecossistema Empreendedor (EE) vai além da simples soma de empresas e empreendedores, exigindo uma conexão sólida entre indivíduos que desejam iniciar negócios e uma estrutura socioeconômica que favoreça o desenvolvimento desses empreendimentos. A ideia principal dos ecossistemas empreendedores é de que eles ajudam a fortalecer o empreendedorismo por meio da interação e do desenvolvimento conjunto entre seus diferentes elementos (Isenberg, 2010).

Ainda sobre o conceito, Cohen (2006), o primeiro autor a elaborar uma definição para ecossistemas empreendedores, enfatiza que os atores envolvidos devem estar comprometidos com o desenvolvimento sustentável, pois defende que o ecossistema empreendedor sustentável favorece o crescimento econômico, por meio do aumento da empregabilidade, melhoria nas condições ambientais, de saúde e também contribui para a redução da pobreza do local onde está inserido.

Dentro dessa dinâmica de desenvolvimento, depreende-se que a inovação ocupa um papel central, visto que os ecossistemas empreendedores catalisam o surgimento de novos produtos, processos e modelos de negócio. Inspirada na perspectiva schumpeteriana (1988), tal inovação é compreendida como o motor do crescimento econômico, capaz de renovar estruturas produtivas e impulsionar novos mercados.

Dessa forma, o ecossistema transcende a mera reunião de agentes ao estabelecer as condições estruturais para essa geração contínua. Conforme aponta Degen (2025), esses ambientes potencializam a criação de soluções ao oferecer às empresas acesso privilegiado a recursos, conhecimentos especializados e redes de interação estratégica.

Entre os principais mecanismos que explicam essa dinâmica, destacam-se as redes de conhecimento estabelecidas entre universidades, centros de pesquisa e *startups*, que possibilitam intenso intercâmbio de ideias e aprendizado coletivo (Malecki, 1997). Esse fluxo contínuo de informação fortalece a capacidade das empresas de desenvolver produtos e processos inovadores. Paralelamente, a disponibilidade de capital de risco voltado a projetos de alto potencial contribui para viabilizar iniciativas tecnológicas caracterizadas por maior grau de incerteza (Kerr; Nanda, 2009), ampliando as possibilidades de experimentação e crescimento acelerado.

Outro elemento relevante refere-se à concentração de talentos qualificados, que favorece a formação de equipes capazes de transformar conhecimento em inovação aplicada (ACS; Armington, 2004). Soma-se a isso a existência de uma cultura de experimentação, na qual o fracasso é compreendido como parte do processo empreendedor e não como um obstáculo definitivo (Baumol, 1993). Por fim, a liderança e a articulação institucional exercem papel fundamental na coordenação dos diferentes atores, promovendo alinhamento de interesses e fortalecendo a coesão do ecossistema (Feldman, 2014).

Observa-se que a inovação, anteriormente apresentada como motor do crescimento econômico, não emerge de maneira isolada, mas é resultado da interação sistêmica entre atores, recursos e instituições que compõem o ecossistema empreendedor.

Entre os diferentes atores que compõem esse arranjo sistêmico, as universidades destacam-se como instituições estratégicas na dinâmica dos ecossistemas empreendedores, uma vez que integram o conjunto de instituições responsáveis pela geração e difusão de conhecimento. Diversos estudos apontam que universidades e seus parques científicos e tecnológicos constituem importantes impulsionadores da inovação e do empreendedorismo, ao criarem ambientes favoráveis à experimentação, à pesquisa aplicada e à articulação com o setor produtivo (Harrison; Leitch, 2010).

No ambiente acadêmico, o estímulo à produção de novas ideias, ao desenvolvimento tecnológico e à resolução de problemas concretos contribui diretamente para a formação de uma cultura empreendedora e para o surgimento de iniciativas inovadoras (Buarque et al., 2025). Assim, as universidades não apenas qualificam capital humano, mas também fomentam a criação de startups, a transferência de tecnologia e a aproximação entre ciência e

mercado.

Além disso, as interações entre universidades e empresas fortalecem o desempenho inovador das organizações. Conforme demonstram Siegel e Wright (2015), as colaborações universidade–empresa permitem integrar o conhecimento científico às práticas empresariais, ampliando a capacidade das firmas de desenvolver produtos e processos inovadores. Dessa forma, as universidades consolidam-se como atores centrais na articulação entre conhecimento, inovação e desenvolvimento econômico, reforçando a natureza sistêmica dos ecossistemas empreendedores.

Um considerável *feeder* (“alimentador”), o governo, desempenha papel fundamental na consolidação dos ecossistemas empreendedores. Sua atuação não se restringe ao financiamento de iniciativas inovadoras, mas envolve também a formulação, implementação e operacionalização de políticas públicas voltadas ao desenvolvimento econômico e tecnológico (Audretsch; Link, 2012; Patanakul; Pinto, 2014). Dessa forma, o poder público influencia diretamente as condições institucionais que estruturam o ambiente de negócios, seja por meio de incentivos, regulamentações, programas de fomento ou investimentos em infraestrutura.

A relevância dessa interação entre atores é sistematizada no modelo da Tríplice Hélice, que analisa a dinâmica das relações entre universidade, indústria e governo como elemento central para a produção de inovação baseada no conhecimento (Etzkowitz; Zhou, 2017). Segundo essa perspectiva, a articulação entre essas três esferas institucionais, em níveis local, regional ou nacional, constitui condição essencial para a consolidação de ambientes inovadores e para a realização do potencial de desenvolvimento tecnológico.

No contexto brasileiro, a aplicação do modelo da Tríplice Hélice tem ganhado destaque, especialmente em universidades públicas e comunitárias situadas em regiões que buscam diversificar sua base econômica por meio da inovação (Piasentini et al., 2024). Esse arranjo evidencia que o fortalecimento do ecossistema empreendedor depende não apenas da atuação isolada de seus atores, mas da capacidade de coordenação e cooperação entre eles.

Além da interação entre governo, universidades e empresas, o fortalecimento dos ecossistemas empreendedores também depende de fatores socioculturais. Nesse contexto, a cultura empreendedora influencia a forma como os indivíduos percebem oportunidades e riscos, contribuindo para a dinâmica e o desenvolvimento do ambiente de negócios.

2.2 A Cultura Empreendedora e a Percepção de Risco

Uma comunidade que apresenta cultura empreendedora fortalecida tende a identificar e aproveitar novas oportunidades de negócio, gerando vantagens competitivas para os empreendimentos inseridos nesse contexto (Sakar, 2007). O relatório do Índice de Cidades Empreendedoras (Endeavor; Enap, 2020) destaca a relevância desse elemento, ao reconhecer que o empreendedorismo é significativamente influenciado por fatores culturais que moldam comportamentos e decisões econômicas.

Para compreender essa influência, é necessário retomar o próprio conceito de cultura. Segundo Tylor (1871, p.1), cultura pode ser entendida como “aquele todo complexo que inclui conhecimento, crença, arte, moral, direito, costumes e outras capacidades e hábitos adquiridos pelo homem como membro da sociedade”. Essa definição amplia a análise ao demonstrar que a cultura não se limita a manifestações simbólicas, mas constitui um sistema de valores e normas que orienta as ações individuais e coletivas.

Aplicada aos ecossistemas empreendedores, essa concepção indica que a cultura atua como um pano de fundo estruturante, influenciando a forma como os indivíduos percebem oportunidades, avaliam riscos e se posicionam diante da possibilidade de empreender (Isenberg, 2010). Em ambientes nos quais o empreendedorismo é socialmente valorizado e o fracasso não é estigmatizado, observa-se maior propensão à inovação e à criação de novos negócios (GEM, 2023).

Assim, a cultura empreendedora não apenas estimula a identificação de oportunidades, mas também impacta diretamente a percepção de risco, elemento central no processo decisório empreendedor. Um estudo de Erik Stam e Andrew van de Ven (2019) a cultura empreendedora indiretamente pela prevalência de novas empresas, o que indica o quão "comum" é abrir um negócio em uma determinada região. Quanto mais favorável for o ambiente cultural à experimentação e à iniciativa individual, menor tende a ser a aversão ao risco, fortalecendo a dinâmica do ecossistema empreendedor.

Contudo, o ambiente empreendedor é composto por múltiplos fatores estruturais e institucionais que, em conjunto, condicionam o desenvolvimento dos negócios e a capacidade inovadora das cidades. Com o objetivo de sistematizar e mensurar esses diferentes elementos, o Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) organiza sua análise a partir de determinantes específicos, que refletem os principais aspectos do ambiente de negócios no contexto brasileiro.

2.3 Os sete determinantes do Índice das Cidades Empreendedoras

Os relatórios contam com sete determinantes para a atribuição de nota e posicionamento no ranking, a fim de trazer insumos para o empreendedor.

A construção desses determinantes fundamenta-se na literatura internacional sobre empreendedorismo e políticas públicas, especialmente nos trabalhos de Lundström e Stevenson (2005), que destacam três dimensões centrais associadas à atividade empreendedora: oportunidades, motivação e habilidades. No ICE, essas dimensões são operacionalizadas por meio de determinantes que representam tanto fatores estruturais do ambiente quanto capacidades individuais e organizacionais.

O determinante Ambiente Regulatório está associado às condições institucionais e normativas que afetam a abertura, a operação e o encerramento de empresas. Estão retratados o tempo gasto com processos burocráticos e judiciais, os custos dos impostos e a complexidade burocrática, que afetam diretamente a capacidade de empreendedores abrirem e manterem suas empresas, assim como torná-las rentáveis (Endeavor; Enap, 2020).

O determinante Infraestrutura refere-se à qualidade e à disponibilidade das condições físicas e logísticas necessárias ao funcionamento dos negócios. Está diretamente ligado às conexões das cidades com outras regiões e países, bem como aos custos envolvidos na manutenção da estrutura produtiva, como transporte, mobilidade urbana, energia e telecomunicações. Uma infraestrutura adequada amplia o acesso a mercados, reduz custos operacionais e aumenta a competitividade das empresas, sendo, portanto, um componente central do ambiente de oportunidades para os empreendedores (Endeavor; Enap, 2020).

O determinante Mercado retrata as condições básicas da economia local, incluindo o tamanho do mercado consumidor, o nível de renda, a diversidade econômica e o dinamismo das atividades produtivas. Essas condições influenciam diretamente o potencial empreendedor de uma cidade: há mais oportunidades para empreender em mercados maiores, mais desenvolvidos e em crescimento. Isso porque há mais clientes potenciais em locais em que a população tem renda maior, e nos quais os governos e as empresas detêm mais capacidade de compras (Endeavor; Enap, 2020).

O determinante Acesso a Capital diz respeito à disponibilidade de recursos financeiros para a criação, manutenção e expansão dos empreendimentos. Esse fator é particularmente crítico para novos empreendedores e *startups*, cujos modelos de negócio frequentemente envolvem maior grau de risco e incerteza, dificultando o acesso ao crédito tradicional ou elevando seus custos (Relatório ICE, 2020). Nesse sentido, a literatura já consolidou a importância do capital de risco para o desenvolvimento econômico e para o crescimento dessas empresas (Bygrave; Timmons, 1992; Davila; Foster; Gupta, 2003; Dutta; Folta, 2016;

Kortum; Lerner, 2000; Samila; Sorenson, 2011), evidenciando que a existência de instrumentos como crédito e investidores-anjo é fundamental para viabilizar iniciativas inovadoras.

Nesse cenário, a taxa Selic atua como um balizador central, uma vez que, na condição de taxa básica de juros da economia, ela influencia diretamente o custo do crédito e a rentabilidade das aplicações financeiras. Como principal instrumento de política monetária utilizado pelo Banco Central (BC) para o controle inflacionário, as variações na Selic alteram o custo de oportunidade do capital, podendo restringir ou estimular o fluxo de investimentos de risco essenciais aos ecossistemas empreendedores.

O determinante Inovação está relacionado à capacidade de uma cidade fomentar a identificação e o desenvolvimento de novos produtos, processos e mercados. A atividade empreendedora inovadora depende da interação entre empresas, universidades, centros de pesquisa e instituições públicas, bem como da produção e difusão do conhecimento. A inovação é reconhecida como um elemento-chave para a competitividade econômica de longo prazo, pois permite às empresas diferenciar-se, aumentar produtividade e explorar novas oportunidades de mercado (Endeavor; Enap, 2020).

O determinante Capital Humano contempla variáveis que traduzem as habilidades individuais tanto dos empreendedores quanto da mão de obra disponível nas cidades. Evidências empíricas indicam que empreendedores mais escolarizados apresentam maiores chances de sucesso, assim como a capacidade de recrutar profissionais qualificados influencia diretamente a manutenção e a expansão dos negócios.

Perspectivas teóricas centradas nos recursos das organizações atribuem grande relevância à composição de talentos e competências para explicar o desempenho organizacional. No contexto brasileiro, empreendedores com os quais a Endeavor mantém proximidade apontam a escassez de bons profissionais como um dos principais entraves ao crescimento empresarial (Endeavor; Enap, 2020). Dessa forma, o capital humano abrange indicadores relacionados à oferta de mão de obra básica e qualificada, refletindo a dimensão das habilidades destacadas por Lundström e Stevenson (2005).

Por fim, o determinante Cultura Empreendedora busca capturar aspectos subjetivos e sociais relacionados à motivação para empreender, como atitudes em relação ao risco, valorização do empreendedorismo e percepção social sobre o sucesso empresarial. A literatura aponta que ambientes nos quais o empreendedorismo é socialmente valorizado tendem a apresentar maior propensão à criação de novos negócios, uma vez que normas

culturais e expectativas sociais influenciam as decisões individuais. Assim, esse determinante conecta-se diretamente à dimensão da motivação empreendedora (Endeavor; Enap, 2020).

De forma integrada, os sete determinantes do ICE oferecem um arcabouço teórico e analítico capaz de explicar como fatores estruturais, institucionais e individuais interagem para moldar o ambiente empreendedor das cidades brasileiras, vale ressaltar que a escolha das variáveis para realizar a comparação foi feita de modo que desse conta dos 100 municípios proposto adaptar para cidades o uso de um framework desenvolvido para países, tomou-se o cuidado de adequá-lo à realidade brasileira (Endeavor; Enap, 2020).

3. METODOLOGIA

O Índice de Cidades Empreendedoras (ICE) tem sua primeira publicação em 2014, com ano base de 2013, uma iniciativa da Endeavor que partiu da premissa de que se tratava de “um primeiro exercício para entender o ambiente e os dados que ajudam a retratar a dinâmica empreendedora de 14 capitais” (Endeavor, 2014). Desde sua primeira publicação até as edições mais recentes, o índice passou por sucessivas adaptações metodológicas, envolvendo mudanças na estrutura, quantidade de cidades avaliadas, nos tópicos analisados e nos subdeterminantes considerados. Essas alterações refletem o esforço contínuo de aprimoramento do instrumento, que visa atender de forma mais eficaz às demandas de gestores públicos e empreendedores, consolidando-se como uma importante ferramenta de apoio à gestão estratégica dos municípios, especialmente no que se refere à análise e ao fortalecimento dos ecossistemas empreendedores (Endeavor; Enap, 2020).

Em 2020, em um contexto marcado pelos efeitos iniciais da pandemia da Covid-19 e pela ausência de publicações referentes aos anos de 2018 e 2019, o relatório passou por mudanças significativas em sua concepção. Nesse período, foi formalizada uma parceria entre a Endeavor (organização global sem fins lucrativos cuja missão é acelerar empreendedores de alto impacto) e a Escola Nacional de Administração Pública (Enap), instituição vinculada ao então Ministério da Economia e responsável pela formação e desenvolvimento contínuo de servidores públicos, bem como pela disseminação de conhecimentos em administração pública, gestão governamental e políticas públicas.

A parceria combinou o conhecimento acumulado da Endeavor sobre os desafios enfrentados pelos empreendedores brasileiros e sua experiência na melhoria do ambiente de negócios com a expertise da Enap na análise e no aprimoramento da eficiência dos serviços públicos, além de sua capilaridade junto aos agentes públicos (Endeavor; Enap, 2020). Como resultado, o ICE passou a contar com a ampliação do número de cidades analisadas e com

ajustes nas fontes de informação utilizadas, o que potencializou seu alcance e reforçou sua relevância como instrumento de análise e formulação de políticas públicas voltadas ao empreendedorismo.

Passa-se então a usar como fonte de informação dados governamentais oficiais, visando a replicabilidade do estudo, já que a grande maioria dos dados é pública. Houve também o aumento de cidades a participar da avaliação: antes, 32 cidades escolhidas, considerando as capitais e *scale-ups* brasileiras, e com a mudança o critério passa a ser as 101 cidades mais populosas. Acrescentou uma cidade, pois com a mudança Marabá (PA) entrou e Santa Maria (RS) saiu do ranking dos 100 mais populosos, mas em 2022 volta ao relatório.

Devido às consideráveis mudanças a partir do relatório de 2020, esse estudo irá analisar os anos 2020, 2022 e 2023, visto que até 2025 não foram publicadas novas edições do relatório. Essa decisão pauta-se pelo padrão das informações coletadas nesses três anos, permitindo uma análise coerente e linear dos determinantes pontuados no relatório, são eles:

Figura 1: Determinantes do Relatório Índice de Cidades Empreendedoras.



Fonte: Relatório ICE 2020 (Endeavor; Enap 2020)

Cada determinante é composto por um conjunto de indicadores que captam dimensões específicas do ambiente de negócios, totalizando cerca de cinquenta indicadores nas edições mais recentes. Esses indicadores são selecionados com base em critérios de relevância teórica, disponibilidade de dados e possibilidade de comparação entre municípios (Endeavor; Enap, 2022).

Inicialmente, os dados coletados são submetidos a um tratamento estatístico para assegurar a consistência da análise. Por exemplo, no determinante Ambiente Empreendedor, os dados passam por um tratamento de inversão de polaridade em subdeterminantes específicos, como Tempo para Abertura de Empresas e Carga Tributária. Visto que, nestes casos, a eficiência é caracterizada por valores reduzidos (quanto menor o tempo ou a carga, melhor o ambiente), a inversão matemática é necessária para que os indicadores tornem-se positivamente correlacionados aos demais. Sequencialmente, os indicadores são padronizados via técnicas de normalização estatística, o que permite a comparação direta entre variáveis expressas em diferentes unidades de medida sob uma mesma escala (Endeavor; Enap, 2020).

Após a padronização, os indicadores são agregados dentro de seus respectivos determinantes e, em alguns casos, organizados em subdeterminantes. A composição final do índice não se baseia em pesos arbitrários ou iguais entre as dimensões. O ICE utiliza técnicas de análise fatorial e estatística multivariada para identificar padrões de correlação entre os indicadores e definir pesos que reflitam a contribuição relativa de cada determinante para o ambiente empreendedor como um todo. Esse procedimento reduz redundâncias e confere maior robustez analítica ao índice (Endeavor; Enap, 2020).

A pontuação final de cada município resulta da combinação ponderada dos determinantes, sendo posteriormente ajustada para uma escala padronizada, geralmente com média em torno de seis, o que facilita a interpretação comparativa dos resultados. Valores acima dessa média indicam desempenho superior ao conjunto das cidades analisadas, enquanto valores inferiores sinalizam fragilidades relativas no ambiente empreendedor local. A partir dessas pontuações, as cidades são ordenadas em forma de ranking geral e por determinante, permitindo análises desagregadas (Endeavor; Enap, 2022).

4. Análise dos resultados: Uberlândia no ICE entre 2020 e 2023

Esta seção tem como objetivo analisar o desempenho de Uberlândia entre os anos de 2020 e 2023, fundamentando-se nos dados do Índice de Cidades Empreendedoras (ICE). A análise adota uma perspectiva temática, examinando as trajetórias dos sete determinantes (Ambiente Regulatório, Infraestrutura, Mercado, Acesso a Capital, Inovação, Capital Humano e Cultura Empreendedora) para identificar os pontos de maturação e os gargalos estruturais do município no ranking nacional. O Quadro 1 sintetiza a evolução das pontuações e posições que baseiam as discussões subsequentes.

Quadro 1: Evolução das pontuações e rankings de Uberlândia - ICE (2020, 2022 e 2023)

Ano/ Determinante	Ambiente Regulatório	Infraestrutura	Mercado	Acesso a Capital	Inovação	Capital Humano	Cultura Empreendedoradora	Posição no Ranking
2020	24° (6,5988)	52° (5,8394)	48° (6,0074)	32° (5,9326)	34° (6,2746)	17° (7,0152)	85° (5,2631)	30° (6,463996)
2022	27° (6,4777)	48° (5,9252)	30° (6,5812)	32° (5,9468)	44° (6,0891)	21° (6,8449)	36° (6,5262)	21° (6,62156)
2023	33° (6,374)	27° (6,417)	100° (4,221)	27° (5,974)	27° (6,603)	28° (6,617)	80° (5,534)	68° (5,675)

Fonte: Elaborado pelo autor (2026), com base em Relatórios ICE (2020, 2022, 2023).

4.1 Ambiente Regulatório e Infraestrutura: Constância Normativa e Dinâmica Logística

Observando a evolução das políticas públicas e da infraestrutura física e digital, o determinante Ambiente Regulatório apresentou uma trajetória de oscilação, ocupando a 24ª posição em 2020, passando pela 27ª em 2022 e recuando para a 33ª em 2023, embora as variações no ranking pareçam acentuadas, essa pontuação foi por diferença geral de 0,2. Pode-se pontuar que a cidade enfrentou uma concorrência crescente de outros polos que podem estar apresentando avanços mais céleres em licenças e tributação, mas também se percebe certa constância em relação aos subdeterminantes avaliados, sem considerável discrepância possivelmente pela mesma gestão no município nesses anos.

Complementarmente, o determinante de Infraestrutura demonstrou um crescimento consistente no ranking do ICE, saltando da 52ª posição em 2020 para a 27ª em 2023. Esse avanço pode ser atribuído aos investimentos contínuos em Infraestrutura Digital, com a expansão da cobertura de fibra óptica e redes de alta velocidade iniciada em 2019, o que impulsionou o subindicador de Infraestrutura Tecnológica. Ao analisar o cenário atual, percebe-se a manutenção dessa estratégia: um exemplo marcante é o início da operacionalização do maior Data Center de Inteligência Artificial da América Latina no município. O projeto, anunciado pela multinacional RT-One, envolve a aquisição de uma área superior a 1 milhão de m² para a construção do complexo. De acordo com a gestão municipal (PMU, 2025), o objetivo é consolidar Uberlândia como um *hub* tecnológico capaz de

capacitar mão de obra qualificada para suprir a crescente demanda global por IA, unindo o pilar de infraestrutura ao de capital humano.

Ainda sobre a Infraestrutura, o relatório de 2020 traz informações de antes da pandemia do COVID-19, vale ressaltar que a cidade se manteve resiliente no âmbito empresarial, em destaque nos principais rankings nacionais, o segundo maior município de Minas Gerais é referência em qualidade de vida e recuperação econômica, mostrando resiliência em meio aos impactos que a pandemia (PMU, 2022).

Também avaliando em relação à logística, o município conta com a relevante operação de um porto seco, conhecido como Porto Seco do Cerrado, que opera desde 2013, mas teve novas instalações inauguradas pela Supplog, administradora do terminal, em novembro de 2021. Uberlândia é considerada um dos maiores polos de atacado da América Latina, beneficiada por sua posição geográfica estratégica no entroncamento de rodovias que conectam o Sudeste ao Centro-Oeste e ao Nordeste.

Contudo, deve-se ressaltar a interdependência entre as esferas administrativas, visto que o desempenho das cidades é profundamente sensível às diretrizes macroeconômicas do país. Especialmente depois da pandemia, nota-se que os problemas na economia nacional e os gargalos no transporte - que refletem diretamente no PIB do país - acabaram afetando o desempenho das cidades.

4.2 Dinâmica de Mercado e Acesso a Capital

No determinante Acesso a Capital, a cidade demonstrou melhora ao subir para a 27ª posição em 2023. Esse desempenho foi impulsionado por um movimento de expansão do crédito bancário iniciado em 2021, pós pandemia, que, diferentemente de crises anteriores, manteve certa oferta de recursos (Souza, 2021). Contudo, é importante ressaltar que essa expansão não foi plena. Conforme apontam dados do SEBRAE/FGV (2021), o volume de crédito para Pessoas Jurídicas e o crédito direcionado não atingiram os patamares de 2015 e 2016. Na prática, isso significa que, apesar da boa posição de Uberlândia no ranking, as empresas locais (especialmente as de menor porte) ainda enfrentaram dificuldades severas para suprir sua demanda por capital durante a crise, evidenciando um descompasso entre a disponibilidade teórica de recursos e o acesso real pelo pequeno empreendedor.

Em contraponto às limitações do crédito bancário tradicional e das ações estatais de financiamento, observa-se o sucesso de programas de incentivo ao empreendedorismo tecnológico. Um exemplo relevante é o *Startups and Entrepreneurship Ecosystem Development* (SEED), que apoia empresas de base tecnológica por meio de rodadas anuais de

investimento e aceleração. Nesse cenário, Minas Gerais consolidou-se como o terceiro estado brasileiro em concentração de startups, com Uberlândia ocupando a liderança estadual em densidade desses negócios (número de startups por habitante). A cidade conta com o Uberhub, um ecossistema de inovação que desempenha papel importante ao integrar toda uma grande diversidade de atores econômicos - incluindo empresas, prestadores de serviço e órgãos públicos. Essa articulação local funciona como uma rede de suporte que ajuda a mitigar a escassez de capital convencional, por meio da promoção de eventos, parcerias, realização de rodadas de negócios, entre outras coisas, permitindo que o setor de inovação mantenha seu dinamismo mesmo em períodos de contração econômica.

Já em relação ao determinante Mercado, observa-se uma queda expressiva de Uberlândia, que passou da 30ª posição em 2022 para a 100ª posição em 2023. A análise dos subdeterminantes indica que a principal explicação para esse desempenho está na Proporção entre Grandes/Médias e Médias/Pequenas Empresas, indicador que apresentou resultado de 125,22% em 2022 e passou para 0% em 2023, impactando significativamente a nota final do município.

Apesar dessa queda no indicador, o contexto econômico local não sugere uma retração da atividade empresarial. Em 2021, Uberlândia destacou-se como a segunda cidade de Minas Gerais em abertura de empresas, enquanto dados da Junta Comercial do Estado apontaram crescimento de 32,38% no número de empresas mineiras no período. Além disso, o município registrou forte geração de empregos em 2022, com destaque para os setores de Comércio, Agropecuária e Indústria (PMU, 2022). Dessa forma, embora fatores macroeconômicos como juros elevados e desaceleração econômica possam ter influenciado o ambiente de negócios, a queda observada no determinante Mercado parece estar mais associada ao comportamento específico do indicador utilizado pelo ICE do que a uma redução efetiva da dinâmica empresarial local.

Essa realidade reforça a perspectiva de Cohen (2006), que diz que a solidez de um ecossistema empreendedor depende diretamente do equilíbrio entre seus pilares, o que significa que ainda que outros determinantes tiveram boas pontuações, podem ser neutralizados caso o ambiente físico apresente limitações severas de suporte ao crescimento das empresas.

4.3 Capital Humano, Inovação e Cultura Empreendedora

O pilar de capital humano e inovação de Uberlândia é sustentado por uma base acadêmica robusta, embora apresente desafios na manutenção da cultura empreendedora

sistêmica. O Capital Humano manteve posições de destaque, ocupando a 17ª colocação em 2020 e a 28ª em 2023. A presença da Universidade Federal de Uberlândia (UFU) e de diversas instituições privadas, como a Esamc, Anhanguera e Uniube, garante a oferta de mão de obra qualificada, evidenciada pelas notas máximas no Enade 2019 em cursos como Engenharia Civil e Nutrição. Em comparativo ao último resultado do Enade publicado, de 2023, cursos da UFU também obtiveram nota 5 (Arquitetura e Urbanismo, Nutrição, Engenharia Elétrica).

Em relação ao determinante Inovação, observa-se um paradoxo: embora Uberlândia seja reconhecida como polo tecnológico e logístico, seu desempenho no ICE apresenta oscilações relevantes. A cidade passou da 34ª posição (6,2746) em 2020 para a 44ª (6,0891) em 2022, recuperando-se de forma expressiva para a 27ª colocação (6,603) em 2023. Esse avanço representa um dos poucos movimentos positivos em meio à queda geral do município no ranking naquele ano.

Parte dessa recuperação pode ser explicada pelo fortalecimento da produção formal de propriedade intelectual. Em 2023, a Universidade Federal de Uberlândia (UFU) figurou entre as 50 maiores depositantes de patentes do Brasil, incluindo desenhos industriais e modelos de utilidade (Alves, 2024). Esse dado indica que a produção científica local tem sido convertida em ativos formalmente registrados, dimensão capturada pelos indicadores do ICE, que valorizam *outputs* tecnológicos mensuráveis, como depósitos de patentes.

Entretanto, o perfil inovador da cidade apresenta uma característica específica: forte concentração no desenvolvimento de software e serviços de tecnologia da informação. Em levantamento do INPI, a UFU alcançou o 3º lugar no ranking nacional de registros de programas de computador (ano-base 2020) (Cavalcanti, 2021). Isso sugere que parte relevante da inovação local possui natureza imaterial e de processo, nem sempre refletida com o mesmo peso em indicadores tradicionalmente associados a patentes industriais.

Além da formalização da propriedade intelectual, o avanço no determinante Inovação também pode estar relacionado ao fortalecimento das parcerias em Pesquisa e Desenvolvimento (P&D). A ampliação de acordos de cooperação entre a UFU e o setor privado, especialmente em áreas como agronegócio e biotecnologia, bem como a atuação conjunta com a Embrapii, contribuíram para impulsionar projetos tecnológicos e qualificar mão de obra especializada (Paula, 2023). Paralelamente, o início das obras do Polo Tecnológico Sul, com previsão de instalação de empresas âncoras, sinaliza expansão da infraestrutura voltada à inovação e potencial atração de novos investimentos (PMU, 2023).

Esse movimento é apoiado por estruturas institucionais, como incubadoras que atuam na interface entre academia e mercado por meio de incubação e suporte técnico a startups, a exemplo a Unitecne, incubadora de empresas da Uniube, o Centro de Incubação de Atividades Empreendedoras - CIAEM, da UFU, e o Brain - Centro de Inovação em Negócios Digitais da Algar Telecom. O salto observado em 2023 não parece ser um evento isolado, mas o reflexo de um processo de amadurecimento do ecossistema local, caracterizado pela maior articulação entre produção científica, proteção intelectual e parcerias estratégicas voltadas à inovação aplicada.

Nesse processo de amadurecimento, destaca-se a consolidação do movimento Uberhub, cujas iniciativas resultam de parcerias estratégicas entre entidades fundamentais, como a Prefeitura Municipal, a UFU, a Associação Comercial e Industrial de Uberlândia (Aciub) e o Sebrae. Essa governança compartilhada fortalece o ecossistema, garantindo que o suporte à inovação ocorra de forma integrada entre o setor público, o acadêmico e o privado.

Observa-se que ações têm fortalecido as conexões entre o setor público, o meio acadêmico, empresas e a sociedade, promovendo o empreendedorismo e o uso estratégico de tecnologias para o desenvolvimento econômico e social. Além disso, o ecossistema de inovação de Uberlândia, representado pelo Uberhub, recebeu reconhecimento nacional, destacando-se na *Startup Awards 2020*, maior premiação de ecossistemas de inovação da América Latina, pelo segundo ano consecutivo (Diário de Uberlândia, 2020).

Todavia, a Cultura Empreendedora recuou drasticamente para a 80ª posição em 2023 (estando anteriormente em 36º), sinalizando uma desarticulação social que evidencia o paradoxo entre a digitalização e a força da cultura local. À luz da teoria de Mark Granovetter (1973), esse cenário pode ser explicado pelo fato de que o isolamento imposto pela pandemia confinou as interações humanas ao núcleo dos "laços fortes" já existentes (contatos próximos e redundantes, como família e colegas diretos).

Acredita-se que, embora esse confinamento tenha permitido a manutenção da produtividade técnica, ele possa ter comprometido o ambiente propício para a formação de 'laços fracos' - aquelas conexões ocasionais em cafés e eventos que funcionam como "pontes" para novas informações e oportunidades. Conforme a revisão da teoria de Granovetter, em *The Strength of Weak Ties: A Network Theory Revisited* (1983), entende-se que esses laços são fundamentais para a disseminação da inovação. Nesse sentido, infere-se que, em Uberlândia, o isolamento digital tenha tornado o ecossistema mais técnico e produtivo, porém, possivelmente menos comunitário e colaborativo.

Sob essa ótica, compreende-se a crescente relevância do movimento Uberhub e seu papel no ecossistema como uma “fábrica de laços fracos”. Ao promover *meetups* e *hackathons* (maratonas de programação e inovação), o movimento parece atuar na reversão do isolamento, buscando transformar ilhas técnicas em uma rede conectada. O desafio do município reside, portanto, na restauração dessa densidade social, para que o potencial técnico seja sustentado por uma mentalidade empreendedora coletiva e resiliente.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A análise do ICE para a cidade de Uberlândia, entre 2020 e 2023, cumpre o objetivo de relacionar as variações de desempenho aos acontecimentos socioeconômicos locais do período, bem como ao contexto de desenvolvimento produtivo e estrutural do município. A análise evidencia que o ecossistema empreendedor local apresenta avanços importantes, especialmente no fortalecimento da inovação e na articulação de atores por meio do Uberhub. Contudo, os resultados também revelam assimetrias estruturais que ajudam a explicar o recuo da cidade para a 68ª posição no ranking geral em 2023.

Além das oscilações observadas nas posições ocupadas por Uberlândia no Índice de Cidades Empreendedoras, a análise evidenciou que o município apresenta uma estrutura econômica diversificada e consolidada, sustentada pela relevância dos setores de comércio, serviços, indústria e agronegócio. Os resultados também demonstram que o desenvolvimento produtivo e estrutural da cidade tem sido favorecido pela presença de instituições de ensino e pesquisa, pela capacidade de atração de investimentos e pela contínua criação de empresas e empregos. Embora alguns determinantes do ICE tenham apresentado quedas significativas ao longo do período analisado, o contexto local indica a existência de bases econômicas e institucionais que contribuem para a manutenção da competitividade e do potencial empreendedor do município.

Destaca-se, como limitação do estudo, a dificuldade de acesso a informações públicas consolidadas sobre a cidade, uma vez que grande parte das evidências disponíveis se encontra dispersa em notícias institucionais e comunicados oficiais, frequentemente sem aprofundamento analítico. Tal restrição dialoga com a própria metodologia do ICE, que depende da disponibilidade e qualidade de dados públicos sistematizados. Além disso, não foram identificadas novas publicações do relatório até o momento de finalização deste trabalho, o que limita a atualização das análises.

Soma-se a essa restrição a necessidade de considerar o Efeito de Retardamento (*Time-lag*) na interpretação dos resultados. Na dinâmica econômica e de inovação, entende-se que as políticas públicas e os investimentos não produzem efeitos imediatos nos indicadores de desempenho. Infere-se, portanto, que os saltos observados nos índices de Inovação e Mercado em 2022 ou 2023 possam ser, em parte, reflexos de ações de fomento, depósitos de patentes e criação de startups ocorridos entre 2019 e 2020.

Essa análise temporal sugere que o ecossistema empreendedor de Uberlândia se comporta como um organismo vivo, cujas reações a estímulos externos e mudanças estruturais demandam um período de maturação para serem plenamente capturadas pelas métricas estatísticas. Assim, as oscilações nos rankings devem ser lidas não como eventos isolados no tempo, mas como o resultado de um processo cumulativo de desenvolvimento regional.

A queda no ranking geral não indica necessariamente perda de vocação empreendedora, mas pode sinalizar uma estagnação relativa frente ao avanço mais acelerado de municípios pares e também pode estar relacionado aos reflexos sentidos tardiamente da pandemia. O desempenho desigual entre determinantes (com destaque negativo para Infraestrutura e Cultura) sugere que o desafio atual não reside na ausência de inovação, mas na consolidação de condições sistêmicas que permitam sua conversão em desenvolvimento econômico sustentado.

Nesse sentido, algumas recomendações estratégicas podem ser apontadas como caminhos para o fortalecimento do ecossistema local: a reanimação da cultura empreendedora torna-se fundamental, especialmente diante da queda expressiva observada nesse pilar. A implementação de programas de educação empreendedora na rede municipal pode contribuir para a formação de mentalidade inovadora desde o ensino básico, ampliando o engajamento e a renovação do ecossistema.

Em segundo lugar, a modernização da infraestrutura urbana e logística aparece como condição estruturante para o equilíbrio sistêmico. Investimentos voltados à melhoria da mobilidade, conectividade e ambiente físico de negócios podem reduzir gargalos que comprometem a competitividade territorial.

Paralelamente, a simplificação do ambiente regulatório e tributário configura-se como eixo estratégico relevante. A desburocratização de processos, maior previsibilidade normativa e estímulos à formalização empresarial tendem a fortalecer o ambiente de negócios e reduzir barreiras à entrada.

No campo da inovação, recomenda-se intensificar mecanismos de transformação do conhecimento em valor de mercado, por meio de incentivos à propriedade intelectual, estímulo à inovação aberta e fortalecimento de estruturas como parques tecnológicos, incubadoras, aceleradoras e espaços de coworking. Tais iniciativas podem ampliar a articulação entre universidade, empresas e poder público, consolidando o modelo de desenvolvimento baseado na interação entre os atores do ecossistema.

Por fim, sugere-se que pesquisas futuras realizem estudos de caso aprofundados nos sete determinantes do ICE, incorporando entrevistas com *stakeholders* locais, de modo a validar empiricamente as causas da queda observada em 2023 e ampliar a compreensão das dinâmicas internas do ecossistema ou mesmo realizar estudos comparativos entre diferentes cidades para compreender dinâmicas distintas das de Uberlândia.

Entende-se que o desafio de Uberlândia não está na ausência de potencial empreendedor e inovador, mas na necessidade de promover maior equilíbrio entre seus pilares estruturais, garantindo que os avanços já conquistados possam se traduzir em crescimento econômico sustentável no longo prazo.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, L. UFU fecha 2023 entre as 50 maiores depositantes de patentes no Brasil. Portal Comunica UFU, Uberlândia, 05 fev. 2024. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2024/02/ufu-fecha-2023-entre-50-maiores-depositantes-de-patentes-no-brasil>. Acesso em: 20 fev. 2026.

AZEVEDO, S. **Uberlândia é 2ª cidade de Minas Gerais com maior número de startups.** Diário de Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/30649/uberlandia-e-2-cidade-de-minas-gerais-com-maior-numero-de-startups>. Acesso em: 21 abr. 2026.

BANCO CENTRAL DO BRASIL. Taxa Selic. Brasília, DF: BCB, 2026. Disponível em: <https://www.bcb.gov.br/controleinflacao/taxaselic>. Acesso em: 21 abr. 2026.

BAUMOL, W. J. Entrepreneurship, Management and the Structure of Payoffs. MIT Press, 1993.

BRASSOLATTI, U. Cidades Inteligentes: Segurança Pública - Impactos na Qualidade de Vida, Economia e Desenvolvimento Urbano.

BUARQUE, B. et al. Dinâmica de ecossistemas empreendedores no Brasil e nos Países Baixos: O papel das universidades na promoção desses ecossistemas e do empreendedorismo intensivo em conhecimento no Sul Global. Revista de Administração de Empresas, v. 65, e2024-0177, 2025.

CAVALCANTI, M. UFU está entre os usuários que mais fizeram registros no Inpi. Portal Comunica UFU, Uberlândia, 07 out. 2021. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2021/10/ufu-esta-entre-os-usuarios-que-mais-fizeram-registros-no-inpi>. Acesso em: 20 fev. 2026.

COHEN, B. Business Strategy and the Environment. 2006

DEGEN, R. J. A Importância dos Ecossistemas Empreendedores para a Inovação Corporativa, 2025.

DIÁRIO DE UBERLÂNDIA. Fintechs e Agtechs representam mais de 20% das startups de Uberlândia. Diário de Uberlândia, 2025. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/32421/fintechs-e-agtechs-representam-mais-de-20-das-startups-de-uberlandia>. Acesso em: 22 out. 2025.

DIÁRIO DO COMÉRCIO. Uberlândia inaugura nova sede do Porto Seco do Cerrado. Diário do Comércio, Belo Horizonte, 2025. Disponível em: <https://diariodocomercio.com.br/negocios/uberlandia-inaugura-nova-sede-do-porto-seco-do-cerrado/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

ENAP – ESCOLA NACIONAL DE ADMINISTRAÇÃO PÚBLICA. A Escola. Disponível em: <https://www.enap.gov.br/aceso-a-informacao/institucional/a-escola/>. Acesso em: 12 out. 2025.

ENAP. Índice de Cidades Empreendedoras 2023. Brasília: ENAP, 2023.

ENDEAVOR. Índice de Cidades Empreendedoras 2015. São Paulo: Endeavor Brasil, 2015.

ENDEAVOR; ENAP. Índice de Cidades Empreendedoras 2020. Brasília: ENAP, 2020.

ETZKOWITZ, H.; ZHOU, C. Hélice Tríplice: inovação e empreendedorismo universidade-indústria-governo. Estudos Avançados, v. 31, p. 23–48, 2017.

FELMAN, M. The character of innovative places: Entrepreneurial strategy, economic development, and prosperity. Small Business Economics, v. 43, n. 1, p. 9–20, 2014.

G1 TRIÂNGULO MINEIRO. Enade 2019: quatro dos cinco cursos com nota máxima em Uberlândia e Uberaba são de instituições públicas. G1, Uberlândia, 21 out. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/10/21/enade-2019-quatro-dos-cinco-cursos-com-nota-maxima-em-uberlandia-e-uberaba-sao-de-instituicoes-publicas.ghtml>. Acesso em: 22 fev. 2026.

GEERTZ, C. The Interpretation of Cultures. New York: Basic Books, 1973.

GIMENEZ, F. A. P.; STEFENON, R.; JÚNIOR, E. I. Ecossistemas empreendedores: o que são e para que servem?. Curitiba: PUCPress, 2022.

GRANOVETTER, Mark. The strength of weak ties: A network theory revisited. Sociological theory, p. 201-233, 1983.

HARRISON, R. T.; LEITCH, C. Voodoo institution or entrepreneurial university? Spin-off companies, the entrepreneurial system and regional development in the UK. *Regional Studies*, v. 44, n. 9, p. 1241-1262, 2010.

JUNTA COMERCIAL DO ESTADO DE MINAS GERAIS (JUCEMG). Número de empresas cresce 32,38% em Minas, aponta Jucemg. Belo Horizonte, 6 jan. 2022.

Disponível em: <https://jucemg.mg.gov.br/noticia/924/numero-de-empresas-cresce-3238-em-minas-aponta-jucemg>. Acesso em: 8 jun. 2026

KAUFMAN, D. A força dos “laços fracos” de Mark Granovetter no ambiente do ciberespaço. *Galaxia* (São Paulo, Online), n. 23, p. 207-218, jun. 2012

KERR, W. R.; NANDA, R. Democratizing entry: Banking deregulations, financing constraints, and entrepreneurship. *Journal of Financial Economics*, v. 94, n. 1, p. 124–149, 2009.

MALECKI, E. J. Entrepreneurs, networks, and economic development: A review of recent research. In: *Advances in Entrepreneurship, Firm Emergence and Growth*. 1997.

NAPOLEONI, C. O pensamento econômico no século XX. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

PAULA, C. Unidade Embrapii Femec/UFU amplia parceria com indústrias e supera meta de recursos. Portal Comunica UFU, Uberlândia, 19 out. 2023. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2023/10/unidade-embrapii-femecufu-amplia-parceria-com-industrias-e-supera-meta-de-recursos>. Acesso em: 20 fev. 2026.

PIASENTINI, E. et al. Tríplice hélice e a construção de ambientes de inovação: Incubadora tecnológica de Pato Branco – Paraná. *International Journal of Scientific Management and Tourism*, v. 10, n. 1, p. 402–425, 2024.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Prefeitura apoia projeto para construção da trilha do conhecimento no setor de inovação. Portal da Prefeitura, 1 jun. 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/06/01/prefeitura-apoia-projeto-para-construction-da-trilha-do-conhecimento-no-setor-de-inovacao/>. Acesso em: 20 out. 2025.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Uberlândia se mantém como a 2ª cidade do interior a mais gerar empregos no Brasil. Portal da Prefeitura, 28 dez. 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/12/28/uberlandia-se-mantem-como-a-2a-cidade-do-interior-a-mais-gerar-empregos-no-brasil/>. Acesso em: 20 out. 2025.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Uberlândia sobe 9 posições no ranking nacional do Índice de Cidades Empreendedoras. Portal da Prefeitura, 17 mar. 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/03/17/uberlandia-sobe-9-posicoes-no-ranking-nacional-do-indice-de-cidades-empreendedoras/>. Acesso em: 12 out. 2025.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Uberlândia mostra resiliência e é destaque em rankings de 2021. Portal da Prefeitura de Uberlândia, 2022. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2022/01/12/uberlandia-mostra-resiliencia-e-e-destaque-em-rankings-de-2021/>. Acesso em: 21 abr. 2026.

PREFEITURA DE UBERLÂNDIA. Uberlândia é a 2ª de Minas Gerais em abertura de

empresas. Uberlândia, 6 jan. 2022. Disponível em: Prefeitura de Uberlândia - Uberlândia é a 2ª de Minas Gerais em abertura de empresas. Acesso em: 8 jun. 2026.

RODRIGUES, L.; MACCARI, E.; PEREIRA, A. Estratégias de estímulo ao empreendedorismo corporativo. *Revista Ibero Americana de Estratégia*, v. 8, n. 2, p. 183-205, 2009.

SALES, M. D.; CONCEIÇÃO, M. M.; CONCEIÇÃO, J. T. P. Tipologia de cultura organizacional empreendedora. *RECIMA21 - Revista Científica Multidisciplinar*, v. 2, n. 1, p. 136-152, 2021.

SANTOS ROCHA, C. T. A.; MOREIRA, K. I. S. B.; SOUZA NETO, B. Inovação e cultura empreendedora: uma análise dos índices de cidades empreendedoras da ENAP. *Brazilian Journal of Business*, Curitiba, v. 6, n. 1, p. 175-187, 2024.

SANTOS L.; BUENO J. Managerial innovation as a result of collaboration between consolidated company and startups. *Future Studies Research Journal: Trends and Strategies*, 15(1), e0737. <https://doi.org/10.24023/FutureJournal/2175-5825/2023.v15i1.737>

SCHUMPETER, J. *The Theory of Economic Development*. Cambridge: Harvard University Press, 1934.

SEBRAE. Aprenda a criar com o San Pedro Valley. Disponível em: <https://www.inovacao-sebrae-minas.com.br/artigo/ecossistema-empresendedor-aprenda-a-criar-um-com-o-san-pedro-valley>. Acesso em: 11 out. 2025.

SEBRAE. Relatório de Gestão do Exercício de 2015. Disponível em: <https://sebrae.com.br/Sebrae/Portal%20Sebrae/UFs/PE/Anexos/Relat%C3%B3rio%20de%20Gest%C3%A3o-2015.pdf>. Acesso em: 12 out. 2025.

SIEGEL, D. S.; WRIGHT, M. Academic entrepreneurship: time for a rethink? *British Journal of Management*, v. 26, n. 4, p. 582-595, 2015.

SILVA, G.; BUENO, J. UberHub – Ecossistema de inovação, empreendedorismo e startups de Uberlândia-MG – configuração, resultados e desafios futuros. *Gestão e Regionalidade*, 2024.

SOUZA, H. Coronacrise: como o crédito bancário foi afetado em Uberlândia. *Comunica UFU*, 2021. Disponível em: <https://comunica.ufu.br/noticias/2021/12/coronacrise-como-o-credito-bancario-foi-afetado-em-uberlandia>. Acesso em: 21 abr. 2026.

TWISS, B. *Managing Technological Innovation*. New York: Longman, 1992.

TYLOR, E. B. *A Cultura Primitiva*. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1974.